

Relato de Pesquisa – “Senzala” e “Alvorada”: periódicos da “Imprensa Negra Paulista” pós-Estado Novo

Ana Júlia de Lira Oliveira; Bianca Silva dos Santos; Julia C. Moreira Santos;
Larissa Bueno da Costa¹
(Orientadora: Giuliana Cinezi². Co-orientador: Alexandre Medeiros³)

Resumo: O artigo apresenta a trajetória de dois dos primeiros periódicos da “Imprensa Negra Paulista” – o jornal “Alvorada” e a revista “Senzala” (ambos mensais) – no começo da redemocratização pós-Estado Novo e de que modo os temas do racismo, preconceito e discriminação eram discutidos por esses órgãos de imprensa.

Palavras Chave: “Imprensa Negra Paulista”. Redemocratização de 1945. periódicos “Senzala” e “Alvorada”.

Abstract: This article is on how racism and discrimination were presented and discussed in the trajectories of two of the very first periodicals of the “Black Press” of the state of São Paulo in Brazilian redemocratization of 1945: the monthlies “Alvorada” and “Senzala”.

Keywords: “Paulista Black Press”. redemocratization 1945. periodicals: “Senzala” and “Alvorada”.

1. Introdução: situação no início da redemocratização de 1945

Nosso desejo, ao elaborar este artigo, é reafirmar que histórias importam. Ainda mais quando tratamos de um tema tão urgente como o empoderamento e humanização dos negros. Sendo assim, decidimos apresentar aqui episódios do Movimento Negro de São Paulo na Segunda República. Acreditamos que este trabalho poderá contribuir para a restituição do direito à humanidade das pessoas negras (OLIVEIRA, 2020).

Pensaremos inicialmente entre os anos de 1945-1964. Afinal, o Movimento Negro nesse período não recebeu a devida atenção (e, por sinal, ainda tem muito a conquistar), por isso a escolha dessa época. Esse recorte espacial terá como foco o Estado de São Paulo e busca desbravar as diversas fases das lutas do negro em nossa história, levando-se em conta evidentemente, linguagem, ênfases e temáticas distintas em cada época. Claro que a pujança do Movimento Negro hoje e suas conquistas são muito diferentes da situação histórica em 1945-1946, quando foram fundados “Alvorada” e “Senzala”, periódicos do início da redemocratização, objeto deste relato de pesquisa. E como mostra a tese de OLIVEIRA (2020), os pesquisadores da história (ou da pré-história) do Movimento Negro, dão preferência às décadas de 1930 e 1970, considerando o período que se inicia em 1945 (e se estende até 1964) como “tema periférico” (p.27) e “um período sem maior relevância” (p.28). Mas, na verdade, afirma Oliveira (2020):

¹. Alunas do 2º. ano do Ensino Médio do Centro de Estudos Júlio Verne.

². Licenciada em Química – FSA; Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática – UNIFESP

³. Pós-Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo - FEUSP

Os novos estudos sobre as primeiras décadas do século XX e a Segunda República nos levarão a compreender que o tratamento dado pelos/as pesquisadores/as é resultado da superficialidade analítica, pois como demonstraremos na tese, o Movimento Negro de São Paulo contribuiu enormemente na luta antirracista do século XX (p. 28)

Na Segunda República (1945-1964), o Movimento Negro começou a ter um pensamento social revolucionário, tensionando o debate sobre a democracia racial. O que podemos perceber é que o Movimento Negro de São Paulo contribuiu bastante na luta antirracista do século XX (OLIVEIRA, 2020). É certo que o silenciamento da história afro-brasileira até 1945 se deve em parte à precariedade dos registros documentais e também às condições de vulnerabilidade da comunidade negra (OLIVEIRA, 2020).

As primeiras associações negras surgiram logo após a Abolição e a Proclamação da República. Só na cidade de São Paulo, entre 1907 e 1937, foram fundadas 123 associações. Com o golpe de 1937 e a ascensão do Estado Novo, a Frente Negra Brasileira, principal organização política do Movimento Negro, foi extinta pelo regime estadonovista. O ativismo negro conseguiu se manter, embora com menos intensidade (OLIVEIRA, 2020). Nessa época sombria, destaca-se a Associação José do Patrocínio, fundada em 1941, por Maria do Rosário Alvarenga, com o objetivo de dar continuidade aos trabalhos da Frente Negra Brasileira e à luta na defesa e na proteção de trabalhadoras negras domésticas. Sua sede foi naqueles tempos:

...o reduto de toda a articulação do pensamento que se irradia na concepção organizadora da vida social do negro brasileiro⁴

A Associação monitorava e protestava contra as condições de mulheres negras no Brasil na década de 1940, que eram de exclusão no mercado de trabalho formal e péssimas remunerações (OLIVEIRA, 2020)

Imediatamente após o fim do silenciamento da Imprensa Negra independente, durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945), surgem os periódicos que analisaremos neste artigo. Sendo este um modesto “Relato de Pesquisa”, praticamente limitar-nos-emos, a identificar e comentar matérias que nos chamaram a atenção na leitura – completa – das edições de “Alvorada” e “Senzala”, disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, atentando para as especificidades de sua linguagem, temas e ênfases, que tantas vezes contrastam com as atuais, sem a ousadia de pretender uma explicação histórico-sociológica do período, que já está sendo contemplada no meio acadêmico, como por exemplo, na citada tese de Oliveira (2020). Cf. também, p. ex. CASAGRANDE (2019).

Para facilitar a leitura e dar clareza ao texto, faremos uso das notas de rodapé, para informarmos o local exato de onde a informação foi colhida no site da Biblioteca Nacional e outros estudos disponíveis em forma digital.

2. “Alvorada” e “Senzala” – breve apresentação

O Arquivo do Estado de São Paulo, em sua seção “Imprensa Negra”, destaca a importância de nossos periódicos:

⁴ Jornal Alvorada de outubro de 1945 - <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845086&pasta=ano%20194&pesq=%22Associa%C3%A7%C3%A3o%20Jos%C3%A9%20do%20Patroc%C3%ADnio%22&pagfis=5>, acessado em 14/03/2022.

Os jornais da chamada imprensa negra praticamente não circularam entre 1937 e 1945, quando a ditadura extinguiu a Frente Negra Brasileira (FNB). Após a queda de Vargas iniciou-se o que Ferrara [1] chama de “terceiro período da imprensa negra em São Paulo”, de 1945 a 1963. Fazem parte dessa fase os jornais *Alvorada* (1945), *O Novo Horizonte*, *Senzala*, *Tribuna Negra*, entre outros. A partir de 1943, a Associação dos Negros Brasileiros (ANB) tenta reorganizar o movimento, conscientizar os interessados para que voltassem a reivindicar seus direitos, principalmente por meio do jornal *Alvorada*, veículo oficial da entidade, lançado em 1945. A revista *Senzala* também teve papel importante ao fazer uma revisão da Convenção Nacional do Negro, em 1945⁵.

Recolhemos agora as breves descrições sobre nossos periódicos, que faz OLIVEIRA (2020), em sua tese de doutoramento: *Nosso imperativo histórico é a luta: intelectuais negros/as insurgentes e a questão da democracia racial em São Paulo (1945-1964)*:

O “Alvorada”, primeiro jornal negro na redemocratização.

Fundado na cidade de São Paulo em setembro de 1945, o jornal *Alvorada* era um órgão vinculado à Associação do Negro Brasileiro (ANB), criada em maio daquele mesmo ano. Sob a direção de José Correia Leite, Fernando Góes e Raul J. Amaral, o periódico pretendia retomar o projeto do *Clarim d’Alvorada* (1924-1932). Segundo José Correia Leite, até o início do Estado Novo, em 1937, “havia muita liberdade, não só com relação aos jornais que funcionavam sem registro” (LEITE, 1992, p.144). Porém, após a criação das delegacias de costumes, tudo passou a ser registrado e fiscalizado. Assim, para que o *Alvorada* pudesse iniciar os trabalhos, foi necessário encaminhar ao Departamento de Informações do Estado Novo, o pedido de registro, acompanhado de documentação necessária. (p. 66) (...)

Uma vez inaugurado o jornal em comemoração à data de 28 de setembro, ele foi distribuído gratuitamente até janeiro de 1946. A partir daí, a direção instituiu uma assinatura de auxílio fixada em 15 cruzeiros anuais. A distribuição era feita em lugares de aglomeração, como, por exemplo, os bailes.

O periódico possuía quatro páginas, porém nas edições comemorativas, que aconteciam geralmente em Maio (Abolição), Setembro (Mãe Preta) e Novembro (Proclamação da República), variava entre seis e oito páginas. Sendo um órgão vinculado à Associação do Negro Brasileiro, o *Alvorada* dedicava, em todas as edições, a segunda página para divulgar assuntos relacionados à instituição, tais como o número de inscritos, chamadas para reuniões e eventos, etc. Entre os colaboradores/as, destacam-se, além dos diretores, Raul J. do Amaral, Fernando Góes e José Correia Leite, Solano Trindade, Alvaro Campos,

⁵ Arquivo Público do Estado de São Paulo – Imprensa Negra - <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/edicao_07/secao_imprensa_negra.php> , acessado em 14/03/2022.

Socrates Marback de Oliveira, Irineu José das Neves, Jayme de Aguiar, Aristides Negreiros, Isaltino Veiga dos Santos, Luiz Lobato, Nelson R. de Freitas, Maria de Lourdes Rosario e Sofia Campos. (pp. 69-70) (...)

O jornal seguiu até o ano de 1948, quando parou de circular. Com o fechamento da Associação do Negro Brasileiro, órgão que estava vinculado, o periódico encerrou uma história de três anos. Alvorada foi o primeiro jornal negro no contexto da redemocratização e sob a direção de José Correia Leite, Raul J. Amaral e Fernando Góes circularam aproximadamente trinta edições. Vale destacar que no universo dos colaboradores/as havia apenas duas mulheres: Sofia de Campos Teixeira e Maria de Lourdes Rosário (p. 71)

O “Senzala”



Capa do No. 1 de Senzala <https://www.palmares.gov.br/?p=11659>

Ainda segundo OLIVEIRA (2020):

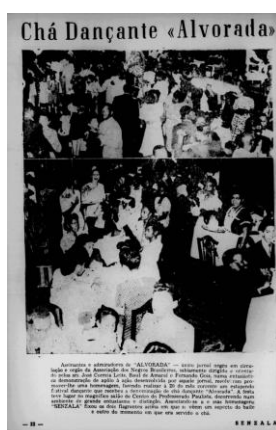
A revista mensal do negro e a serviço do negro brasileiro foi lançada em janeiro de 1946 na cidade de São Paulo. Com sede no edifício Martinelli, 23º andar, Senzala era dirigida por Geraldo Campos de Oliveira, diretor; Sebastião Batista Ramos, gerente; Armando de Castro, secretário. Colaboravam com a revista em São Paulo: Aristides Barbosa, Cícero Pereira dos Santos, Francisco Lucrécio, Francisco de C. Printes, Jaime Aguiar, José Antonio de Oliveira, José Correia Leite, Lino Guedes, Luiz Lobato, Nestor Borges, Pedro Paulo Barbosa, Raul do Amaral, Paulo Morais, Paulo Santos, Rubens Alves Pinheiro, Salatiel de Campos e Sofia Campos Teixeira – a única mulher. De Campinas: Jerônimo Sebastião da Silva, José Alberto Ferreira e Julio Mariano. Do Rio de Janeiro: Abdias Nascimento, Aguinaldo Camargo, Eronides Silva, Isaltino Veiga dos Santos, José Pompilho da Hora, Sebastião Rodrigues Alves. (pp. 71-72) (...)

Segundo a revista, só seria possível combater o profundo quadro de vulnerabilidade social imposta à comunidade negra, mediante uma luta coletiva. Além disso, convocava aqueles/as que conseguiram atingir alguma posição de destaque mediante “esforços sobre-humanos”, que se solidarizem com seus irmãos negros pobres. Por fim, o texto chama atenção para as condições das mulheres negras, o que nos faz crer que havia, no interior do Movimento Negro, algum espaço para se discutir a

condição das mulheres negras. Tal debate era feito, principalmente, pelas poucas mulheres negras que publicavam na imprensa como Sofia Campos, por exemplo.

Ao que parece, a revista teve dois números, e circulou apenas nos meses de janeiro e fevereiro de 1946. Nestes dois meses circulou pelas cidades de Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Uberlândia, Uberaba, Ribeirão Preto, Bauru, Sorocaba, Santos, Campinas e Jundiá. Senzala possui trinta páginas dedicadas a diversos assuntos de natureza política, social e cultural da coletividade negra (pp. 72-73)

Note-se que as duas publicações são co-irmãs, intimamente associadas, cada uma divulgando intensamente o trabalho da outra. Em página inteira no No. 1 da Revista Senzala: “Chá dançante do Alvorada”.



<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=&pagfis=22>

3. Temas e ênfases de “Alvorada” e “Senzala” que destacamos

3.1. O “Dia da mãe negra”

O Alvorada foi lançado em 1945, no dia 28 de setembro: para coincidir – e esta foi nossa primeira surpresa – com a data comemorativa da “Mãe Negra”.



E o editorial de lançamento do Alvorada diz:

Pela sua alta significação, nós, os negros brasileiros, não podemos relegar ao esquecimento a passagem da grande data em que foi

decretada a chamada lei do “Ventre Livre”. A data cuja concepção de humanidade nos diz respeito e traz no rastro da sua exaltação os primeiro ecos de alegria que a raça negra sentiu para a sua libertação – símbolo da mulher negra que, como disse Gilberto Amado, “foi duplamente sofredora pelas duas maternidades – a das entranhas que gerava o escravo e a do leite que amamentava o senhor”. [...] Sofreu porque amava também o opressor. É uma antiga aspiração aventada por antigo órgão dos negros brasileiros, que se dedicasse à Mãe Negra o dia 28 de setembro. Esse sentimentalismo é a força do nosso patrimônio contra a desintegração do nosso valor histórico. Sim, porque a afirmação real de onde surgiu o encantamento da alma brasileira foi da poesia das casas grandes⁶.

E, de fato a data acabou sendo oficializada: “Por influência paulista, o dia 28 de setembro foi estabelecido oficialmente como o Dia da Gratidão à Mãe Preta, por meio da Lei nº 10.346, de 27 de dezembro de 1968”⁷.

Mas, o que exatamente se comemora nessa data (na verdade, as comemorações hoje são praticamente inexistentes) e que sentido poderia ter essa celebração da “Mãe Negra” para o Movimento Negro de hoje?

Junto com muitas ações acertadas, temos que compreender que nossos periódicos estavam sujeitos às limitações da consciência da luta daquela época: Não podemos esperar que, então, o incipiente movimento tivesse o nível de conscientização que temos hoje, após décadas de luta. Assim, a enganosa celebração da Mãe Negra foi em função de sua atuação como mucama, ou seja, aquela que efetivamente, ao menos em termos de primeira infância (fundamental na formação da estrutura psíquica) cuidou e educou os filhos de seus senhores, contando-lhes histórias sobre o quimbungo, a “mula sem cabeça” e outras figuras do imaginário popular (o Zumbi, por exemplo). Assim reduzida, a “Mãe Preta” (como o “Pai João”) foi fomentada pela ideologia oficial como exemplos de integração e harmonia raciais, supostamente existentes no Brasil. Representariam o negro acomodado, que passivamente, aceitou a escravidão e a ela correspondeu segundo maneira cristã, oferecendo a outra face ao inimigo. Parece ser no mínimo ambígua e estar no sentido contrário das lutas atuais (OLIVEIRA, 2020, p. 68).

3.2. A pouca ênfase em Zumbi e Palmares

Notamos que Zumbi é muito pouco citado (2 vezes no Senzala; 1 no Alvorada). No Senzala, encontramos um combativo artigo – “Zumbi” – de página inteira de Arthur Ramos (<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=zumbi&pagfis=18>), o que só aumenta a estranheza de que encontremos tão poucas referências a essa emblemática figura.

Já Palmares não é mencionado em Senzala e aparece 13 vezes no Alvorada mas só como nome de instituições (na grande maioria de um – para nós, hoje, inusitado – salão dançante no Parque D. Pedro).

⁶ Jornal Alvorada de Setembro de 1945, <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845086&pasta=ano%20194&pesq=%E2%80%9D%20da%20m%C3%A3e%20negra%E2%80%9D&pagfis=1>, acessado em 14/03/22.

⁷ Acervo da Universidade Estadual Paulista – UNESP. A Revista de Antropofagia integra o acervo Astrojildo Pereira, <<https://www.cedem.unesp.br/#!/documento-da-semana/28-de-setembro---dia-da-gratidao-a-mae-preta>>, acessado em 14/03/2022.



<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845086&pasta=ano%20194&pesq=%22Palmares%22&pagfis=12>

3.3. Contra o preconceito: os grandes atletas negros / negros no rádio etc.

Contra o preconceito da inferioridade racial da época, um argumento importante na época era exibir negros que se destacavam por sua excelência na vida esportiva e cultural. O futebol, desde sua introdução no Brasil, foi fortemente marcado pelo mito da superioridade racial branca: diversos times demoraram a admitir jogadores negros em seus quadros. Um exemplo entre muitos: o Palmeiras (então Palestra Itália) não admitia jogadores negros: “O primeiro deles [...] foi Og Moreira, no início dos anos 1940” (<http://www.usp.br/agen/?p=87357> – Agência USP de Notícias, 02-02-2012).

Assim, já em seu No. 1 (1946), o “Senzala” esgrime o fato irrefutável:

Uma das causas que vem derrubar o velho tabu da inferioridade do negro em face ao seu irmão branco, reside, indubitavelmente, no panorama desportivo da atualidade. O negro é detentor, nos desportos da sua preferência, de todos os postos máximos do canhenho atlético universal.

(<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=Zizinho&pagfis=29>)

E enumera diversos atletas de excelência, sobretudo futebolistas, a começar por Leônidas, um dos maiores jogadores de todos os tempos, então ídolo nacional incontestável.

Na mesma edição (No. 1) uma página mostra que na música, no rádio, há uma enorme coleção de gênios afro como Dorival Caymmi e Pixinguinha, além de recordar que os ritmos de nossa música popular são criações do negro. (<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=&pagfis=25>)

Niger sed sapiens - Com este título – a frase preconceituosa de um cardeal do Vaticano: “ele é negro, mas é sábio” – o Senzala, também em seu No. 1, celebra uma grande figura eclesiástica negra: o arcebispo Dom Silvério Pimenta.



<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=pimenta&pagfis=4>

“Niger sed sapiens” é uma paráfrase da bíblica “Nigra sum, sed pulchra” (sou negra, *mas* sou bonita) do livro dos Cânticos (1, 5) e foi dirigida a Dom Silvério no Vaticano:

Dom Silvério Pimenta foi arcebispo de Mariana (MG), entre o fim do século XIX e princípios do século XX. Era negro, muito inteligente e membro da Academia Brasileira de Letras. Participou do Concílio Ecumênico Vaticano I (1870). Com tal brilho ele discursou em latim numa assembleia de bispos, arcebispos e cardeais desse concílio, que uma dessas autoridades eclesiásticas, referindo-se a ele, proferiu a famosa e histórica frase latina: "Niger sed sapiens" (Negro, mas sábio). (<https://www.otempo.com.br/opiniaio/jose-reis-chaves/os-povos-do-passado-eram-nao-so-racistas-mas-tambem-escravistas-1.207360>)

3.4. Linguagem

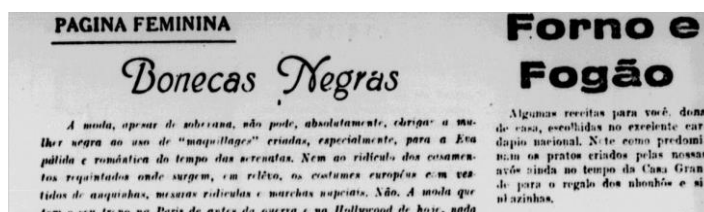
Negro ou preto? É interessante notar que para referir-se a pessoas, o Alvorada usa sempre (centenas de vezes) “negro (a)” e só em 6 ocasiões “preto”, 5 para “preta” (“Mãe Preta” era expressão usual – mas o Alvorada prefere “Mãe Negra”) e 9 vezes “de côr” (homens de côr, brasileiros de côr etc.) e 1 vez já fala da raça afro-brasileira

O mesmo espectro (a intensa preferência por “negro” em vez de “preto” etc.) dá-se no *Senzala*, com um interessante destaque para o pioneiro uso de “afro”, (hoje tão usual) que aparece duas vezes e de modo não composto, mas isolado: o artista Heitor dos Prazeres é mais “um talento afro” (<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=afro&pagfis=61>) e emprega também “o espírito afro” (<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=afro&pagfis=23>), além de referir-se uma vez a pessoas como “elementos afro brasileiros” e uma vez à “coletividade afro brasileira”.

Importante também é que ambos os periódicos se recusam a empregar “*colored*”, eufemismo para referir-se à pessoa negra, usadíssimo na época pela imprensa em geral (na década de 40 a BN registra, por exemplo 217 usos de *colored* nas páginas do jornal *Correio Paulistano*). *Colored* só iria entrar em declínio no uso comum na década de 1980 para cair totalmente em desuso.

3.5. Bonecas Negras

Uma denúncia importante e que se antecipou em muitas décadas às legítimas aspirações da comunidade afro de hoje vem da – à primeira vista – “bem comportada” seção “Página Feminina” da Revista *Senzala*. Em seu No. 2 de 1946, em meio a receitas culinárias e até uma espécie de consultório sentimental, a coluna – sem se dar conta da enorme importância do tema – lança o protesto “Bonecas Negras”.



(<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=&pagfis=54>)

O texto da Revista aborda a dificuldade encontrada em atender essa demanda, além de trazer um debate sobre racismo, diferenças de classe e resistência.

Mas, o que não está certo é o fato de as mães afros, por ocasião das festas de Natal, e as tias e madrinhas nos dias de aniversários, não serem capazes de comprar, para as nossas gurias, a boneca negra, como essas que as ricas senhoras adquirem extravagantemente, para completar com uma criadinha a família das suas meninas. Ainda é tempo, jovens mães da minha raça, de dar às nossas garotas o brinquedo que lhes cabe – a boneca negra. Nada de bebês louros e rosados nos braços das nossas meninas. Nada de minúsculas mães pretas nestes dias que o negro reivindica os seus mais sagrados direitos de cidadão⁸.

Claro que a oferta de bonecas negras naquela época, limitava-se a baianinhas e criadinhas, mas mesmo assim ficou marcado o protesto já em 1946, provavelmente o primeiro feito no país sobre ponto tão importante. Com certeza, o tema só vai surgir na imprensa dos estados de RJ e SP muito depois, como pudemos verificar no acervo da Biblioteca Nacional e em outras fontes.

Temos uma importante reportagem publicada em 18/10/2020 na Agência Brasil/RJ, que relaciona o problema da ausência de bonecas negras com o racismo.



(<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2020-10/bonecas-negras-representam-6-dos-modelos-disponiveis-no-mercado>)

Na matéria, a Psicóloga Ana Marcílio, idealizadora da campanha “Cadê nossa boneca?”, aborda o impacto de crianças, sejam elas brancas ou negras, em relação ao acesso a bonecas de cores diversas.

Se a gente não tiver esse imaginário simbólico, como é que a gente vai quebrar o racismo? O racismo se materializa nas mortes que a gente tem, nas inúmeras vidas ceifadas precocemente, seja pela inoperância dos sistema público na saúde e educação, seja nas mortes através das polícias e milícias, que têm dizimado as periferias. A construção do imaginário tem tudo a ver com o número de mortes e violência que a gente vive nesse país e no mundo afora⁹.

3.6. Maquiagem Negra

Na mesma coluna da Revista Senzala de 1946, temos outro comentário atualíssimo que aborda temática semelhante: maquiagem para mulheres negras. Antes

⁸ BN <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=&pagfis=54>>, acessado em 24/03/2022.

⁹ Agência Brasil, < <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2020-10/bonecas-negras-representam-6-dos-modelos-disponiveis-no-mercado>>, acessado em 24/03/2022.

de levantar o problema das bonecas, a mesma coluna da Revista questiona, já naquela época, a ausência de maquiagem específica para a mulher negra.

A moda a pesar de soberana, não pode absolutamente, obrigar a mulher negra ao uso de *maquillagens* criadas, especialmente, para a Eva pálida e romântica do tempo das serenatas [...] A moda tem seu trono na Paris de antes da Guerra e na Hollywood de hoje, nada a ver com a adesão espontânea da mulher negra¹⁰

O tema é atualíssimo, como se pode ver na reportagem “Indústria de cosméticos ainda atende pouco a beleza negra” do Jornal *O Globo*, de 20/11/2020.



(<https://valorinveste.globo.com/objetivo/empreenda-se/noticia/2020/11/20/industria-de-cosmeticos-ainda-atende-pouco-a-beleza-negra.ghtml>)

4. Um par de eventos importantes da militância

4.1. Convenção do Negro Brasileiro

A Revista *Senzala* noticia no seu volume de janeiro de 1946 que nos dias 10 a 12 de novembro de 1945 aconteceu *A Convenção do Negro Brasileiro*. Escolhemos este evento por marcar a organização e apresentação de um manifesto sobre a temática, e por mostrar a atualidade dos temas debatidos na ocasião¹¹.

O Grupo que se reuniu na Associação Paulista de Imprensa, denunciou com veemência, os problemas enfrentados pelos negros em nosso país:

Sabido é que desde a nossa formação histórica, o povo brasileiro se constitui de três raças fundamentais: a branca, a negra e a indígena. Pela miscegenação desses grupos, somos considerados um povo mestiço e por essa razão, não é justo que em pleno século vinte, com a vitória dos princípios democráticos, ainda perdurem as restrições que elementos reacionários e com mentalidade nazifascista querem impingir ao nosso povo¹²

¹⁰ BN <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=&pagfis=54>>, acessado em 24/03/2022.

¹¹ BN <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845094&pagfis=10>>, acessado em 19/04/2022.

¹² BN <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845094&pagfis=11>>, acessado em 19/04/2022.



(<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845094&pagfis=10>)

Tantos anos depois, em pleno século XXI, estamos vendo dados alarmantes. O Portal Geledés, em abril de 2022, nos mostra que:

O total de processos de racismo, casos de injúria racial e crimes ligados a preconceito de raça e cor teve um aumento de 8,3 vezes no ano passado no estado de São Paulo em comparação a 2020, segundo dados do TJ (Tribunal de Justiça).

Os dados mostram que em 2020 foram abertos 30 processos de racismo. Já, no ano passado, o número subiu para 251. O aumento percentual é de 736%. O TJ não divulgou o número de ocorrências do tipo na região de Campinas, apenas do geral estadual.

Na última semana, em Campinas, uma mulher de 28 anos denunciou um caso de racismo em um shopping da cidade.

Segundo ela, ao entrar no playground para brincar com a filha de um amigo, ouviu de uma outra mulher, de 34 anos, que o local estava “cheio de preto”. A mulher acusada de cometer o crime de injúria racial chegou a ser presa em flagrante, mas foi liberada após pagar fiança de R\$ 1,5 mil¹³

Poderíamos dizer que aquele grupo que se reuniu no final de 1945, escreveu no manifesto da *Convenção do Negro Brasileiro* a mesma indignação que continuamos sentindo em 2022. E sua voz continua sendo nossa voz no século XXI.

(...) O problema não é só de ordem cultural e econômica. É também de caráter social, pois se é vedado na sociedade o acesso de grande parte do elemento negro, nós temos que enfrentar essa sociedade reacionária e anti-cristã, apontando-lhe a sua lamentável falha democrática.¹⁴

¹³ Portal Geledés, <https://www.geledes.org.br/casos-de-racismo-tem-alta-de-736-no-estado-de-sao-paulo/?utm_source=pushnews&utm_medium=pushnotification>, acessado em 19/04/2022.

¹⁴ BN <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845094&pagfis=11>>, acessado em 19/04/2022.

4.2. Teatro Experimental do Negro

No Roda Viva de 11/04/2022¹⁵, o entrevistado Lázaro Ramos (ator e diretor), se emocionou ao falar da falta de oportunidades culturais para o negro brasileiro.

Parece uma coisa simples, mas não é. Durante muito tempo da minha vida, eu não sabia que podia sonhar. Não sabia que tinha uma perspectiva para além da ilha [sua terra natal]. “*Eu comecei a estudar teatro e nunca tinha visto uma peça*”, afirmou. O artista também lembrou que quando começou a atuar não tinha nenhuma referência e lamentou que muitos jovens atualmente também não tem. Ao fazer essa reflexão, se emocionou¹⁶.

Lázaro Ramos (que está lançando o filme *Medida Provisória*), traz ao debate, uma crítica sobre a ausência de educação e cultura para os Negros Brasileiros. Tema atual, mas que faz eco ao ano de 1946 com o Teatro Experimental do Negro.



<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=&pagfis=26>

É o que Senzala de janeiro de 1946 afirma, a propósito do *Teatro Experimental do Negro*:

¹⁵ Roda Viva – TV Cultura: <https://www.youtube.com/watch?v=oca5C6bwXOY>, acessado em 19/04/22.

¹⁶ TV Cultura (UOL), <https://cultura.uol.com.br/noticias/47979-lazaro-ramos-chora-no-roda-viva.html>, acessado em 19/04/2022.

...o negro anseia elevar-se, caminhar no sentido da cultura, em busca de condições favoráveis em que possa permanecer em igual situação de dignidade e respeito, sem restrições nem humilhações¹⁷.

Estas palavras são muito semelhantes às que escutamos no Roda Viva de 11/04/2022.



<https://www.youtube.com/watch?v=oca5C6bwXOY>

Na verdade, toda a entrevista de Lázaro Ramos aponta para o mesmo desejo dos Movimentos Negros dos anos 40. Na reportagem da Revista Senzala de janeiro de 1946, podemos ler sobre o Teatro Experimental:

Significa que o negro vem empreendendo um gigantesco esforço de nivelamento cultural, de interpretação social [...] Uma tentativa gigantesca de desbastar o preconceito, de desfazer a distância que separa negros e brancos no seio da comunidade brasileira, flagrante prejuízo para a vida da Nação democrática que queremos construir¹⁸.

Voltando a Convenção do Negro Brasileiro de novembro de 1945, a Revista Senzala traz que o manifesto apontava para problemas estruturais, que ainda em nossos dias muitos desconhecem, e que faz eco às palavras de Lázaro Ramos em 2022: “Durante muito tempo da minha vida, eu não sabia que podia sonhar”¹⁹. A Revista Senzala escreve:

O problema do negro brasileiro é antes de mais nada um problema de educação, secundado pelo fator econômico. Qualquer indivíduo, até de pouca cultura sociológica, pode, facilmente averiguar esse fenômeno [...] Se o afro-brasileiro ainda não atingiu o grau cultural da média do grupo branco, muitas coisas influíram nesse estado de coisas. A primeira, a mais velha, provém ainda da Abolição de 1888. Deram liberdade em massa para o povo negro de maneira contra-indicada. Concederam o direito de cidadão ao escravo que ainda não se havia aculturado e estava ainda num estado de servidão econômica. Isso se generalizou até nossos dias. O negro, assim semi-analfabeto, vive jogado por aí, sem estímulo para nada. E os que conseguem alcançar

¹⁷ BN, <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845094&pagfis=26>>, acessado em 19/04/2022.

¹⁸ BN, <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845094&pagfis=26>>, acessado em 19/04/2022.

¹⁹ TV Cultura (UOL), <https://cultura.uol.com.br/noticias/47979_lazaro-ramos-chora-no-roda-viva.html>, acessado em 19/04/2022.

algumas posições o fazem à custa de muitos sacrifícios. O negro, para vencer socialmente, faz um esforço equivalente ao de cem brancos.²⁰

Considerações finais

Neste artigo, buscamos destacar a importância para o movimento negro dos periódicos *Alvorada* e *Senzala* e como eles trouxeram para a discussão a dura realidade vivida por muitas pessoas negras no país. Por meio desses jornais, intelectuais negros puderam denunciar farsas democráticas raciais, mostrar o que realmente acontecia no dia a dia de pessoas negras, trazer pautas importantes para o movimento, e uma forma de protesto contra o sistema.

A História da Imprensa Negra passou a atrair a atenção dos/as pesquisadores/as do calibre de Virgínia Leone Bicudo, uma das pioneiras nos estudos sobre a Imprensa Negra. Em São Paulo, de 1945, Bicudo estudou o jornal *Os Descendentes de Palmares*, ligado à Associação de Negros Brasileiros, e o jornal *A Voz da Raça*, órgão oficial da Frente Negra Brasileira. Logo em seguida, vieram os estudos de Roger Bastide (1951), Clóvis Moura (1981), Miriam Nicolau Ferrara (1986), Ana Flávia Magalhães Pinto (2010), dentre outros (OLIVEIRA, 2020).

Levando em conta que a falta de documentos contribui com o apagamento da história afro-brasileira (OLIVEIRA, 2000, p. 31), entendemos que o resgate desses jornais e revistas sobre o movimento negro já será de grande valia para reconstrução pelo menos desta cultura de resistência. Afinal, muitos negros perderam, e ainda perdem sua identidade, por conta de uma realidade europeia (p. 24), e por influência (por exemplo) de uma educação e religião brancas (p. 13).

Referências Bibliográficas (além das já citadas ao longo no artigo).

OLIVEIRA, Felipe Alves de. *"Nosso imperativo histórico é a luta": intelectuais negros/as insurgentes e a questão da democracia racial em São Paulo (1945-1964)*. <https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/13194/1/TESE_ImperativoHist%C3%B3ricoLuta.pdf> acessado 18/02/22, Tese de Doutorado, Univ. Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em História, MG, 2020

CASAGRANDE, Fernanda dos Anjos. *Acervos do Movimento Negro na Cidade de São Paulo: um olhar para os registros da luta negra*. <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-26072019-093502/publico/FernandadosAnjosCasagrandeVC.pdf>> acessado em 18/02/22, Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação da ECA/USP, SP, 2019

REVISTA SENZALA (SP), <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=&pagfis=1>>, acessado em 14/03/2022

JORNAL ALVORADA (SP), <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845086&pesq=&pagfis=1>>, acessado em 14/03/2022

Recebido para publicação em 11-05-22; aceito em 14-06-22

²⁰ BN, <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845094&pagfis=11>>, acessado em 19/04/2022.